

Lorena Azevedo - Ciclo de Smyth

Dando continuidade à discussão iniciada no Estágio III sobre o professor reflexivo, o Estágio IV permitiu um aprofundamento mais significativo desse papel a partir da vivência direta da prática docente. Com base nas ideias de Donald Schön (1983), entende-se que o professor reflexivo é aquele capaz de pensar criticamente sobre sua própria ação, tanto durante quanto após a experiência, reconhecendo suas decisões, avaliando seus efeitos e reformulando suas estratégias. Schön denomina essas etapas de reflexão-na-ação e reflexão-sobre-a-ação, que segundo ele são centrais para o desenvolvimento profissional em contextos complexos e imprevisíveis. Essa postura reflexiva é essencial para a formação de um educador autônomo e consciente, que não apenas aplica metodologias previamente estabelecidas, mas as adapta às necessidades específicas de seus alunos e do contexto escolar.

Além de Schön, autores como Dewey (1933) e Freire (1996) também defendem a importância da reflexão como parte do ato educativo. Dewey via a reflexão como um processo contínuo e deliberado de pensamento que parte da experiência para a resolução de problemas de forma crítica. Freire, por sua vez, compreendia a reflexão como parte de um ato dialógico e transformador, no qual ensinar e aprender acontecem de maneira conjunta, num processo de escuta, problematização e reconstrução de saberes.

Essa concepção se concretiza de forma ainda mais clara no Ciclo de Smyth (1992), composto por quatro etapas: descrever, informar, confrontar e reconstruir. Esse ciclo foi utilizado como base para analisar minha própria aula sobre átomos neutros e íons, ministrada para uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Na etapa da descrição, analisei as ações realizadas: iniciei a aula com uma revisão dos conceitos de estrutura atômica e segui com a explicação do conteúdo principal no quadro, utilizando exemplos práticos. Os alunos participaram ativamente da resolução de exercícios, e, ao final, propus uma atividade reflexiva escrita para que expressassem o que haviam aprendido.

No momento de informar, compreendi as razões pedagógicas que sustentaram minhas escolhas metodológicas. As decisões foram guiadas por observações anteriores em outras turmas e pelo desejo de tornar a aula mais interativa, contemplando diferentes formas de aprendizagem. Busquei trabalhar inteligências múltiplas, especialmente a lógico-matemática, por meio dos cálculos atômicos, e a intrapessoal, com a reflexão escrita fundamentada na teoria de Gardner (1994), que defende que o processo de ensino

deve considerar diferentes modos de aprendizagem e não apenas a inteligência linguística ou lógico-formal tradicionalmente valorizadas na escola.

A etapa de confrontar revelou as dificuldades enfrentadas, como a dispersão dos alunos do fundo da sala, prejudicada por ruídos externos e falta de estrutura adequada, além de minha própria insegurança em certos momentos da explicação. Ainda assim, percebi pontos positivos, como o envolvimento de parte da turma e a participação de alunos que raramente se manifestam. Por fim, na etapa de reconstrução, percebi que poderia estar mais aberta aos alunos, pois assistindo a aula percebi que fiquei um pouco tensa, o que talvez não tenha dado abertura para que os alunos do final da sala participassem mais. Também compreendi a importância de adaptar a linguagem e o ritmo às características específicas da turma.

Com base em tudo que foi vivenciado, compreendi que a reflexão não é apenas uma etapa do trabalho docente, mas um elemento permanente e constitutivo da profissão. Incorporar o ciclo de Smyth em minha prática me permitiu organizar melhor minhas percepções e planejar de maneira mais intencional as próximas intervenções pedagógicas. Dessa experiência, emergiu uma pergunta que guiará os próximos estudos: de que maneira o ensino de Química pode integrar diferentes inteligências e estilos de aprendizagem, favorecendo a compreensão conceitual e a participação ativa dos alunos? Essa questão reforça o compromisso com uma prática crítica, inclusiva e em constante reconstrução, essencial à identidade de um professor reflexivo.